



DÉCIMA PARTE

I — DEMOCRACIA VERSUS COMUNISMO

Até recentemente as conquistas se faziam pela força das armas. Assim foi com Alexandre, Júlio César, Carlos Magno e Napoleão. Agora, entretanto, as armas são outras. Hitler, que em 1933 se tornou ditador da Alemanha, deu início a um processo de propaganda combinada com Forças Armadas, na esperança de conquistar a Europa e a África. Mas, mesmo antes da época de Hitler, Lenine e os bolchevistas haviam desencadeado um plano que se destinava à "revolução mundial" a fim de dar aos comunistas o controle de todo o mundo. Assim como o esquema de Hitler, o plano dos comunistas para a conquista do mundo combina propaganda tendenciosa e subversão com guerra e violência.

O Comunismo é uma filosofia de vida que glorifica a violência. Marx e Engels procuraram interpretar toda a História como a "Luta de Classes". Afirmaram que os progressos da civilização só foram possíveis através da violência. Lenine concordou com a idéia, tanto que em 1918 declarou a um Congresso do Partido Comunista, em Moscou:

"Atualmente não vivemos em um único estado, mas em um conjunto de estados. É inadmissível, assim, a existência da República Soviética, lado a lado com estados imperialistas, durante muito tempo. No final deve aparecer um único vencedor. Mas antes que o final se aproxime, será inevitável que surja uma série de coalizões entre a República Soviética e os estados burgueses".

Novamente, em 1920, Lenine profetizou:

"Enquanto o capitalismo e o socialismo existirem, não poderemos viver em paz. Um canto fúnebre terá que se

fazer ouvir sobre a República Soviética ou sobre o Mundo Capitalista."

Stalin fazia eco a Lenine, sobre a inevitabilidade da guerra. Entretanto, durante a Segunda Guerra Mundial, quando a URSS praticamente dependia do suprimento bélico do Ocidente, para repelir a invasão nazista, Stalin fez constar que abandonara aquela doutrina. Mas, quando a guerra acabou, e com ela tais suprimentos, o ditador novamente declarou ao povo soviético que a guerra era inevitável.

Os sucessores de Stalin continuaram com a mesma doutrina. Em 1956, durante o XX Congresso da Juventude do Partido Comunista, quando Krushchov desencadeou sua nova campanha de propaganda pela "coexistência pacífica", o mundo se surpreendeu com suas afirmativas de que não acreditava que a guerra fosse necessariamente inevitável.

Mas, houve um ponto, em suas palavras, que muitas pessoas não interpretaram corretamente, principalmente as que não eram comunistas. Foi a referência feita de que a guerra e a violência interna só poderiam ser evitadas se a "Democracia Burguesa" se rendesse ao controle do Partido Comunista. Se tal não acontecesse, a guerra e as violências seriam, então, inevitáveis. Meses mais tarde, num discurso ante o Corpo Diplomático estrangeiro, no Kremlin, Krushchov pôs de lado, definitivamente, o disfarce com que abordava esse problema da inevitabilidade da guerra. Denunciando todas as potências ocidentais declarou:

"A História está do nosso lado. Nós enterraremos todos vocês".

No presente artigo, a comissão de oficiais do Exército Brasileiro encarregada de preparar a matéria para a série de artigos que estamos publicando, procurará definir:

- O significado, para os comunistas, de "revolução mundial" e "inevitabilidade da guerra";
- Como os comunistas se prepararam para a "revolução mundial";
- Como os Partidos Comunistas, nos países democráticos, procuram destruir os governos constitucionais;
- O imperialismo soviético nos dias atuais.

10ª PARTE — O COMUNISMO AVANÇA

A — PLANOS DO COMUNISMO PARA O CONTRÔLE DO MUNDO

1 — O Plano-Base de Lenine

Enquanto Marx e Engels permaneceram no plano teórico do Comunismo, Lenine mostrou-se inteiramente prático, estabelecendo um esque-

ma aplicável a cada fase do Comunismo, não só no que se refere à revolução russa, como à revolução mundial. Esse plano ou esquema incluía:

- incitar a luta civil entre os empregados e patrões de todos os países do mundo;
- iniciar guerras civis nos países coloniais e atrasados, incitando às mesmas os grupos nacionais e as minorias raciais, sociais e religiosas;
- criar Partidos Comunistas em todos os países, para preparar a revolução por meio de atividades secretas, agitação e propaganda;
- unificar todos os partidos comunistas, sob a liderança da União Soviética;
- disseminar agentes secretos nas organizações sindicais, nos círculos estudantis e jornalísticos e outras instituições democráticas;
- destruir os governos constitucionais pela propaganda e pelas atividades "Subterrâneas", através dos Partidos Comunistas e dos agentes secretos.

Lenine foi um planejador tão notável, que todos seus itens para a revolução mundial vigoram até hoje, quarenta e poucos anos depois da revolução bolchevista de 1917.

2 — Guerra Imperialista e Guerra civil

Como já vimos num dos artigos anteriores, Lenine, ao se iniciar a primeira Guerra Mundial, em 1914, propôs que os comunistas se unissem, para transformar em guerra civil o que ele denominava de "guerra imperialista". A idéia obteve êxito na Rússia, em 1917, quando eclodiu a guerra civil. A expectativa de sucesso, na Alemanha e na Áustria-Hungria, entretanto, não se concretizou. Como podemos nos lembrar, a revolução comunista de 1918, na Alemanha, foi esmagada pelo Governo Social Democrático. Também a revolução comunista, tentada por Bela Kun, na Hungria, não conseguiu sair vitoriosa. Lenine admoestou, com severidade, todos os socialistas alemães, acusando-os de haverem "traído" a revolução.

3 — Lutas civis nos países atrasados e coloniais

Após o fracasso das revoluções comunistas na Europa, Lenine voltou suas atenções para a Ásia. Agentes foram instruídos para incitar à revolução as populações da China, da Coreia, da Indochina, da Índia, da Birmânia, das Índias Orientais Holandesas e de outros países asiáticos. Seguindo os conselhos de seu principal agente asiático, Veltmann Paolovick, Lenine criou, em Moscou, a universidade dos Povos Orientais, destinada a treinar asiáticos nas Táticas revolucionárias. Procurava, assim, utilizar-se das aspirações dos povos da Ásia para destruir a influência ocidental e trazê-los à órbita do controle comunista.

Em 1920, sob a inspiração de Lenine, o II Congresso Mundial do Comunismo Internacional adotou um programa destinado a lançar na guerra civil todos os países coloniais, bem como todas as nações da Ásia. Como resultado dessa política, houve uma série de guerras civis na Ásia que culminaram com a conquista da China pelo comunismo, em 1949, o ataque

à Coréia do Sul em 1950, e a conquista do Vietnam do Norte por Ho-chiminh, em 1954. Estas vitórias colocaram 700 milhões de asiáticos sob o tacão comunista.

A fórmula de iniciar guerras civis foi aplicada em outros países, buscando atrair os grupos nacionais e as minorias. Alguns desses grupos não gozavam de direitos políticos, enquanto outros sofriam discriminação nos empregos ou nas escolas. O II Congresso Mundial do Comintern, realizado em 1920, fez um apêlo específico aos comunistas, para que incitassem os irlandeses a desencadear uma guerra civil contra a Grã-Bretanha, e os negros americanos contra o Governo dos EUA. O Partido Comunista Americano chegou mesmo a tentar o estabelecimento de um Estado Comunista Negro na parte sul daquele país, o qual deveria, inclusive, tornar-se independente.

O que os comunistas nunca confessaram a essas minorias foi a brutalidade com que os grupos minoritários eram tratados na União Soviética, mesmo porque seu interesse principal não eram as minorias, propriamente, mas a agitação.

4 — Os Partidos Comunistas em vários países

Logo após a revolução bolchevista de 1917, agentes de Lenine ajudaram a criação de partidos comunistas em quase todos os países da Europa. Os esforços para destruir o comunismo na Alemanha, em 1919, fracassaram e, com a assistência do Kremlin, o partido comunista alemão continuou a crescer, a ponto de, eventualmente, eleger cem representantes para o Legislativo, o que contribuiu para a confusão no país, e sua divisão interna, dando a Hitler, líder do Partido Nacional Socialista (Partido Nazista), a oportunidade de se tornar ditador.

Uma das primeiras medidas do ditador nazista, uma vez no poder, foi procurar esmagar o partido comunista na Alemanha. Os bolchevistas, calmamente, se constituíram em movimento subterrâneo. O modo pelo qual Hitler encarou o comunismo foi uma das razões que levou Stalin a modificar sua política externa, procurando formar uma "frente comum" com todos os partidos comunistas e socialistas da França e outros países, a fim de se opor ao fascismo e ao nazismo.

Já vimos, anteriormente, como agentes soviéticos organizaram o Partido Comunista, na China. Similarmente foram organizados partidos no restante da Ásia e aqui mesmo, no Continente Americano.

Em 1958 havia partidos comunistas locais em mais de oitenta países. Muitos deles não são chamados "Partido Comunista", disfarçando-se sob outras discriminações, como "Partido dos Trabalhadores Húngaros", "Partido dos Trabalhadores Romenos", "Partido de Unidade Socialista", em Berlim, "Partido Socialista Popular", de Cuba, "Partido Socialista", da Nicarágua, "Partido Socialista Revolucionário", da Índia, etc. Conquanto o número de membros de muitos desses partidos seja relativamente pequeno, sua influência, no entanto, é muito grande.

5 — Contrôles Gerais dos Partidos Comunistas

Em 1919, Lenine adotou uma série de medidas destinadas a permitir um controle central sobre os partidos comunistas de todo o mundo. Para obter esse controle instalou-se em Moscou o Comintern do Comunismo Internacional. Partidos comunistas de todas as partes do mundo foram convidados a enviar representantes ao I Congresso Mundial dessa nova Internacional. De início Lenine deu a impressão de que o Comunismo seria democrático, representando um "movimento espontâneo das massas". Além disso, afirmava Lenine, o Comunismo seria regido pelo voto majoritário dos Partidos Comunistas locais. O secretariado do Comintern se instalaria em Londres ou Paris e, não em Moscou. Mas logo se verificou, que Lenine esperava controlar o Comintern. O Secretariado instalou-se, mesmo, em Moscou, e um bolchevista, Zinoviev, se tornou seu chefe permanente.

Entre 1919 e 1943 realizaram-se sete congressos mundiais, aos quais compareceram delegados dos partidos comunistas de todos os países. Teoricamente cada partido comunista local era considerado uma seção do Comintern, e era representado pelo Comitê Executivo dessa organização, em Moscou. Depois de 1930, entretanto, os congressos mundiais nada mais significavam senão um meio de que o Kremlin lançava mão para pôr os Partidos Comunistas de todo o mundo em mais estreito contato com a União Soviética.

O Comintern atraiu as suspeitas dos governos democráticos que o condenaram como uma conspiração destinada a solapar as democracias de todo o mundo. É óbvio que Lenine e Stalin declaravam, freqüentemente, que o Governo Soviético não controlava o Comintern, mas isso não era verdadeiro, pois, conquanto separado do Governo, eram os mesmos homens, no Politburo, que controlavam ambos o Comintern e o Governo. De fato, o Gabinete de Zinoviev, do Comintern, estava situado no mesmo corredor onde se localizava o de Lenine e, posteriormente, o de Stalin.

Em 1943, quando os exércitos alemães haviam se apoderado de grande parte de território soviético, e os comunistas necessitavam urgentemente de meios financeiros e material bélico, Stalin dissolveu o Comintern, declarando que os povos livres e os soviéticos, podiam viver juntos pacificamente. Essa mudança da "linha do partido", ou "linha justa", causou uma impressão favorável nas democracias. Potências ocidentais, como os EUA e a Grã-Bretanha concederam créditos à URSS, de 11 e 3 bilhões de dólares, respectivamente. Terminada a guerra, já com os exércitos alemães fora do território soviético, Stalin deu meia volta, declarando novamente a inevitabilidade da guerra como "linha do partido".

Os exemplos que procuramos citar, através deste e dos artigos precedentes, já devem ter deixado claro que mudanças na linha partidária nunca indicam qualquer modificação real no plano comunista de dominação mundial. Lenine recomendava aos comunistas o uso constante de novos estratagemas e dissimulações. A palavra de ordem é tergiversar manobras, saltar de uma opinião para outra, tendo no interesse de conseguir a revolução mundial.

6 — Moscou e os Partidos Comunistas

Após a Segunda Guerra Mundial havia pouca necessidade de uma Internacional Comunista. Partidos comunistas tinham sido organizados, praticamente, em todo o mundo, e seus líderes haviam sido treinados para seguir a "linha justa" de Moscou. O Presidium enviou agentes para todos os países e, com frequência ainda maior, líderes comunistas locais visitaram Moscou, tendo em vista a difusão de ordens.

Mas a estratégia de ambos, Lenine e Stalin, não se limitava ao envio de ordens através de agentes soviéticos ou de visitas de comunistas estrangeiros a Moscou. Foram além, pois conseguiram que os Partidos Comunistas locais se convencessem, com raras exceções, que não deveriam contar com ajuda financeira ou militar da União Soviética. Ao contrário, eram eles que deveriam auxiliar a URSS, como líder ou revolução mundial. Deviam, ainda mais, seguir as diretrizes da política exterior do Kremlin e procurar fazer com que seus respectivos governos também a seguissem.

Por exemplo, durante a guerra civil espanhola, de 1936 e 1939, muitos comunistas, de várias nacionalidades, acorreram à Espanha para lutar sob as ordens de Stalin. Em 1948, quando Stalin se opôs ao auxílio financeiro dos EUA à Europa Ocidental, de acordo com o Plano Marshall, os partidos comunistas da França, da Itália, da Bélgica e de outros países, aderiram imediatamente à linha de Moscou. Para isso apresentaram denúncias nos respectivos parlamentos, organizaram greves e movimentos subversivos destinados a evitar a descarga dos navios que transportavam maquinaria e equipamento para o reerguimento industrial do ocidente europeu.

A política de Stalin levou à formação, em 1947, do Cominform, ou Bureau Comunista de Informações. Alegava-se que essa organização representava os Partidos Comunistas da Rússia Soviética, da Bulgária, da Tcheco-Eslováquia, da França, da Hungria, da Polônia, da Itália, da Romênia e da Iugoslávia. Na realidade, entretanto, o Cominform era controlado pelo Kremlin. A utilidade principal do Cominform, para os soviéticos, é lógico, era a difusão da linha do partido aos comunistas de todo o mundo. Como, fora da URSS, apenas um pequeno número de comunistas eram capazes de ler o Pravda, impresso em russo, o Cominform difundiu as diretrizes do Partido por meio de vários periódicos impressos em inglês, francês e outras línguas.

Em 1936 os contatos entre o Kremlin e os partidos comunistas dos outros países se desenvolveram tanto, que o Cominform foi dissolvido. Atualmente, a "linha do partido", ou "linha justa", determinada pelo discurso de Krushchov ou de outros líderes comunistas é imediatamente transmitida para todo o mundo pelo telégrafo ou pelo rádio, através da agência TASS, da URSS. A "linha do partido" é então publicada nos jornais Comunistas locais. Além disso, instruções secretas, quando necessário, são expedidas por meio das malas diplomáticas, que gozam de imunidade, não podendo ser revistas pelos órgãos dos governos locais.

7 — Infiltração nos Sindicatos

Logo após a revolução bolchevista de 1917, Lenine determinou aos comunistas de todo o mundo que se infiltrassem nos sindicatos trabalhistas, procurando assumir o controle dessas organizações. Como ponto de partida foram montadas células, isto é, pequenas unidades de cinco a dez comunistas, em muitas das uniões trabalhistas. Grande número dessas células conseguiram atingir o objetivo visado, assumindo o controle das organizações onde se infiltravam. Com isso difundiu-se a propaganda pela revolução mundial, ao mesmo tempo que foi possível aos comunistas se colocarem em posições-chave de controle das indústrias, dos transportes, das comunicações radiotelegráficas, etc. Quando, então, os comunistas decidissem ter chegado a ocasião de derrubar um governo, estavam em condições de paralisar as atividades relacionadas com aqueles pontos-chave, deflagrando greves e movimentos subversivos.

As uniões ou sindicatos, controlados pelos comunistas, deveriam seguir a linha do partido e apoiar a política externa soviética. Por exemplo, em 1939, Stalin e Hitler concertaram entre si a divisão da Polônia, mas a Grã-Bretanha e a França eram aliadas da Polônia e, assim, quando as forças nazistas atacaram este país, em 1939, aquelas duas potências declararam guerra à Alemanha. Stalin procurou ajudar Hitler, dando ordens imediatas a todos os sindicatos e uniões de trabalhadores, controlados, em todo mundo, pelos comunistas, para se engajarem em ações de sabotagem e deflagrarem greves em todas as fábricas de munições e equipamento bélico destinados à França e à Grã-Bretanha. Como resultado, os comunistas franceses, empregados nas fábricas de aviões, receberam ordens de produzir aparelhos defeituosos, o que ocasionou a morte de muitos aviadores; nos EUA os comunistas obtiveram algum sucesso, deflagrando greves na Allis Chalmers de Milwaukee, e na North America Aircraft, de Inglewood, ambas fábricas empenhadas na produção de guerra em auxiliar à França e à Grã-Bretanha na luta contra Hitler. Este ditador, entretanto, em junho de 1941, traluz, subitamente, seus compromissos com Stalin, e invadiu a União Soviética. Imediatamente foi modificada a linha do partido, tendo os trabalhadores comunistas recebido ordem de cessar suas atividades de sabotagem e de incitação às greves e incentivados a ajudar à URSS, tanto quanto à França e à Grã-Bretanha.

8 — O controle comunista em outros setores

Os comunistas se infiltram calmamente nas escolas e universidades de muitos países. Células comunistas, organizadas entre os professores procuram captar as idéias dos estudantes. Células foram montadas nos órgãos da imprensa, com instruções de trocar as notícias, de modo a favorecer a URSS. Apareceram células, também, nos organismos empenhados em pesquisas e difusões de estatísticas.

Até nas forças armadas de vários países, inclusive o nosso, conseguiram os comunistas se infiltrar. Células comunistas operavam nos exércitos franceses e belgas quando da invasão hitlerista em 1940. No ano seguinte, entretanto, quando a linha do partido passou a condenar Hitler,

os comunistas passaram a combater os alemães, como movimento subterrâneo. Os líderes dos "maquis" franceses eram comunistas. No Brasil, em 1935, os comunistas infiltrados nas forças armadas tentaram, como já nos referimos, anteriormente, subverter a ordem pública, deflagrando um movimento armado que, felizmente, pôde ser esmagado quase de imediato.

Mesmo depois da Segunda Guerra Mundial os comunistas têm obtido êxito em se infiltrar nos órgãos dos governos de tais países. Tão logo um deles consegue um posto na administração pública, envida seus esforços para guindar seus "camaradas" a posições também destacadas e assim sucessivamente, até conseguirem minar completamente a instituição. Isso ocorreu na Hungria e na Tcheco-Eslováquia, onde os comunistas já haviam penetrado no governo, solapando-o de tal forma que, após poucos meses, os agentes soviéticos não tiveram quase trabalho em tomar o governo.

9 — Tentativas de destruição dos governos constitucionais

Vale a pena lembrar que os comunistas jamais se instalaram no Governo de qualquer país por meio de eleições livres ou mesmo algum outro meio pacífico. Lenine, freqüentemente, incitava os partidos comunistas a "destruir os estados burgueses". Seus sucessores continuaram a perseguir esse objetivo. O país cujo Governo estiver na mira dos soviéticos para ser derrubado, o processo começa pela agitação e pela propaganda, sem falar, é claro, nas infiltrações contínuas nos Sindicatos, Fábricas, Escolas e Universidades, a que já nos referimos. Planos são estabelecidos para que se apossam, no momento oportuno, dos edifícios da administração pública, das indústrias estratégicas e dos meios de transporte.

Nos parlamentos, os representantes comunistas, eleitos pelo partido, onde este exista legalmente, ou por outros partidos, onde conseguem se infiltrar, se batem por "frentes unidas", aliando-se aos socialistas ou outros partidos da esquerda. Se a "frente unida" ganha uma eleição, os líderes comunistas concordam em formar um gabinete com seus aliados do movimento. Mas o objetivo das "frentes unidas" é a obtenção dos postos-chave do Governo, insistindo os comunistas no controle dos ministérios que melhor se adaptam aos seus propósitos, ou seja, aqueles que influem na segurança interna, nos transportes, nas comunicações ou que possuam "informações interessantes". Após esses passos iniciais, os comunistas estão em condições de desencadear uma série de ações violentas que lhes permita, finalmente, o controle completo e absoluto do Governo. Foi o que ocorreu na Hungria em 1947 e na Tcheco-Eslováquia em 1949.

A "Supressão dos Estados Burgueses" não significa, para os comunistas, a destruição total de todo o mecanismo burocrático do "Governo Burguês". Conquanto alguns órgãos desapareçam, a maioria deles, no entanto, passa, simplesmente a ser dirigida pelos comunistas enquanto outros são criados, como os da Polícia, os do Exército e os das escolas.

B — OS PARTIDOS COMUNISTAS NOS PARLAMENTOS DEMOCRÁTICOS

1 — As reformas democráticas

Lenine compreendeu, astutamente, que qualquer reforma que ensajasse melhores condições de vida às classes trabalhadoras de um país, seria um argumento a menos para uma revolução comunista local. Por isso, tachou de "oportunistas" os socialistas e outros partidos que alegavam ser os representantes dos trabalhadores, e que insistiam em reformas de caráter social. Tais elementos, alegava Lenine, estavam se afastando dos objetivos longínquos em troca de pequenas vantagens imediatas. Acreditava ele que, com esse argumento, os socialistas e os outros, a quem acusava, se convencessem da necessidade da revolução mundial.

Lenine determinou aos comunistas de todo o mundo que procurassem obter assentos nos parlamentos. Se necessário, deveriam fingir estar trabalhando por reformas ou prontos a transigir com os outros partidos esquerdistas. Por meio de tais táticas os comunistas poderiam firmar-se cada vez mais no controle das legislaturas nacionais e, oportunamente realizar aquilo que o comunismo rotulou de "destruição dos parlamentos". Na Alemanha Ocidental, entretando, nas eleições de 1953, os alemães provaram não haver esquecido como os comunistas haviam indiretamente, ajudado a ascensão de Hitler ao poder, e não acreditar mais em suas promessas. Nenhum comunista conseguiu se fazer eleito para o Parlamento da Alemanha Ocidental.

2 — Enfraquecimento dos governos

Antes de De Gaulle conseguir a estabilidade do Governo da França, quando assumiu o posto supremo em 1958, freqüentes trocas de gabinete atrapalhavam grandemente a administração do país. Não é o fato, unicamente, de haver muitos partidos políticos na França, que acarretava tantos e tão freqüentes quedas de gabinetes. A maior razão reside no volume, relativamente grande, do Partido Comunista local. Por quê?

A explicação não é difícil. Nas eleições de 1956, na França, os comunistas elegeram 149 representantes, ou seja, quase uma quarta parte da representação total na Assembléia Nacional Francesa. Esses comunistas, entretanto, recusaram-se a aceitar qualquer posto no Gabinete ou na Administração, o que estava muito de acordo com a política normalmente seguida pelos bolchevistas de nunca fazer parte de um Gabinete salvo se este fosse controlado pelo comunismo. Passou então essa minoria organizada a interferir e bloquear o que o Gabinete ou a Administração pretendesse fazer. O resultado foi o que queriam os comunistas — indecisão, confusão, divisão e inação.

Pode sentir-se, assim, o grande perigo que representa para um país ter um partido político de volume ponderável recebendo ordens diretas de Moscou. Aliás, os líderes do Partido Comunista Francês, Srs. Thorez e Duclos, viajavam com freqüência à capital soviética, possivelmente para receber ordens diretas e pessoais dos ditadores da URSS. Por meio dessas ordens o Presidium do Partido em Moscou, procurava controlar ou

influenciar na política nacional do Governo Francês. Trabalhando em comum acôrdo com outros partidos esquerdistas da França, conseguiram os comunistas retardar ao máximo a admissão da Alemanha Oriental na OTAN; opôs-se à participação francesa no Plano Marshall e em diversos planos econômicos em proveito da Europa Ocidental.

Na Itália, a situação não foi muito diferente. Nas eleições de 1958 os comunistas obtiveram 140 das 596 cadeiras da Câmara dos Deputados. Aí, também, os comunistas contribuíram para a instabilidade do Governo, por votos freqüentes e sistemáticos, contra os gabinetes constituídos.

3 — Cabeça-de-ponte na América Latina

A Guatemala pode servir de exemplo de como os comunistas agem para se apossar de um país pequeno, por meio de uma "frente unida". Em 1932 o Partido Comunista foi considerado ilegal na Guatemala. Entretanto, os comunistas, que haviam conservado em segredo suas identidades, se uniram a outros grupos revolucionários para formar o Partido Trabalhista Guatemalteco. O Politburo do novo partido era controlado pelo Kremlin. Os comunistas continuaram a se infiltrar nas uniões de trabalhadores, nas escolas e na imprensa. Conseguiram assumir o controle de uma grande parte do Exército e dos sindicatos. Associando-se a outros partidos esquerdistas, sob o nome de "Frente Democrática", os comunistas, em 1950, conseguiram eleger Jacob Arbenz à Presidência da República. Após as eleições o Partido Comunista arrancou a máscara e apareceu ostensivamente com esse nome.

Em 1954, a Organização dos Estados Americanos (OEA), representando as 21 repúblicas das Américas, condenou o reino do terror comunista na Guatemala. A OEA repudiou fortemente a extensão do movimento comunista internacional a qualquer país americano. Essas declarações serviram de incentivo ao Coronel Castillo Armas, do Exército Guatemalteco, que organizou uma força, com seus compatriotas refugiados nas Honduras, país vizinho à Guatemala. Essa força cruzou a fronteira e marchou até a capital, derrubando os comunistas. O presidente Arbenz fugiu para a Polônia, enquanto a Guatemala recuperava sua liberdade.

Os comunistas se organizaram então, como movimento subterrâneo, havendo indícios de que Moscou pretendia usar a Guatemala como base de operações para a expansão do Comunismo na América Latina.

4 — Revivescência da Tática de "frente unida"

Já vimos anteriormente que Krushchov, quando do XX Congresso dos Partidos Comunistas, em 1956, recomendou aos representantes comunistas que se aliassem aos socialistas e outros partidos da esquerda para formarem "frentes unidas" em todos os parlamentos democráticos. Afirmou-lhes que essa seria a maneira mais fácil de assumir o controle das legislaturas de muitos países, pavimentando, assim, o caminho para o comunismo. O Presidium do Soviete esperava que essa união aos partidos socialistas e o lema de "coexistência pacífica" trouxessem esses par-

tidos mais para perto do comunismo e acelerassem desta forma, a conquista do seu objetivo — a revolução mundial.

Uma delegação do Partido Socialista da França chegou, mesmo, a aceitar um convite do Kremlin, visitando Moscou para discutir os termos de uma frente unida. Mas, finalmente, os socialistas não caíram na armadilha.

A maior parte dos partidos socialistas têm suas dúvidas a respeito da sinceridade soviética. As brutalidades de Stalin, desvendadas por Krushchov no XX Congresso dos Partidos Comunistas, os estarreceu. Em março de 1956, as delegações socialistas de 17 países se reuniram em Zurique, na Suíça e decidiram recusar o convite de Krushchov para a formação de uma frente unida. Na Ásia, entretanto, essa manobra produziu resultados. No Ceilão, o Partido Comunista ajudou a criação da "Frente Unida Popular" que, em abril de 1956, ganhou as eleições, tendo os comunistas assumido o controle de dois ministérios.

A falta de êxito na Europa, entretanto, não serviu para desanimar os comunistas quanto à aplicação da tática de "frente unida".

C — O IMPERIALISMO SOVIÉTICO

I — Imperialismo ou Colonialismo

Os comunistas dizem que os países capitalistas procuram controlar as nações menores. Acusam esses países capitalistas de "imperialistas" e "colonialistas". *Imperialismo* é a subordinação ou controle de uma nação a um outro país. *Colonialismo* é usado para expressar a subordinação à terra natal, dos naturais de um país, que imigraram, e exploram as terras onde se encontram. As duas palavras, com o tempo, têm tendido a significar a mesma coisa. Lenine era de opinião que o imperialismo representava o último estágio do Capitalismo. Era inevitável, afirmava êle, que no fim desse estágio o sistema capitalista sofreria um colapso. Revoluções, então, ocorreriam, entrando-se no período a que os comunistas denominam Socialismo, o qual, por sua vez, prepararia o cenário mundial para a apoteose comunista.

Há, evidentemente, muitas razões para que se condene o imperialismo. No passado, países mais fracos de povos mais atrasados, foram com freqüência, rápida e implacavelmente subjugados. Os dominadores se tornavam arrogantes e, normalmente, negavam aos nativos qualquer participação no Governo, a não ser nos postos mais baixos. O pior de tudo é que o domínio de um povo por outro pode assumir a forma de verdadeira escravidão, pela violação dos princípios democráticos de liberdade e autodeterminação. Há, também, a tendência a que o país dominante enriqueça às custas de suas colônias, esgotando seus recursos em terras e mão-de-obra. Por estas razões, é claro que os povos dominados por países estrangeiros prefeririam governar-se a si próprios.

Há entretanto outras facetas no problema. Sem querer preconizar um sistema que, deve reconhecer-se, já se torna decadente, forçoso é admitir-se que, em muitos casos, o colonialismo foi benéfico, levando a muitas regiões a estabilidade política e econômica que, de outra forma,

muito dificilmente obteriam. Além disso, os grandes impérios formados pela Grã-Bretanha, pela França, pela Espanha, por Portugal e pela Holanda, têm suas raízes, nos séculos XVI e XVII, quando a Democracia era, ainda, desconhecida.

De qualquer forma, o que se nota hoje no mundo é um movimento generalizado pela autodeterminação, nos países até então vinculados politicamente a outros. É o caso das recém-independentes repúblicas em surgimento na Ásia e na África, sem nos referirmos ao período que se seguiu de imediato à Primeira Guerra Mundial, quando a Tcheco-Eslováquia, a Polónia, a Áustria, a Hungria, a Finlândia, a Estónia, a Letónia e a Lituânia despontaram como nações independentes.

2 — Os comunistas e o imperialismo

Seria de supor, tanto exploram o assunto, que os comunistas respeitassem, realmente, a liberdade dos povos. Realmente, com ou sem oportunidade, os comunistas matraqueiam sobre o imperialismo que os países capitalistas pretendem exercer sobre as nações mais fracas, particularizando os EUA, a Grã-Bretanha e a França em primeiro plano, a Bélgica e a Holanda, em seguida. O auxílio económico à Europa Ocidental, após a Segunda Guerra, é rotulado de imperialismo. A assistência técnica e económica à América Latina é denominada como imperialismo, da mesma forma que o apoio a alguns países asiáticos.

Enquanto acusam os países capitalistas, o que têm feito os comunistas? Olhando para o mapa-mundi lá encontraremos, desde logo, parte da resposta. A Estónia, a Letónia e a Lituânia são "repúblicas", componentes da URSS. A Polónia, a Tcheco-Eslováquia e a Hungria tiveram efêmera duração como países livres; se há dúvida, basta lembrar como foi esmagada a revolução húngara contra o comunismo, em 1956. A Roménia, a Bulgária e a Albânia estão vinculadas ao Kremlin que, inclusive, dispõe de grandes bases navais neste último país.

No que se relaciona a auxílio económico e assistência militar, aí estão os exemplos da Coreia do Norte e do Vietnam do Norte, na Ásia, da RAU e do Iraque, no Oriente Médio, de Cuba e de inúmeras repúblicas recém-surgidas, na África. A todas a URSS e seus satélites vêm inundando com técnicos, que o são também em assuntos políticos, como engenheiros, professores, economistas, etc, além de material bélico de toda a natureza, emergindo das águas com os submarinos, passando à terra com armas, equipamento e carros de combate e subindo aos céus com o que há de moderno em aviões a jato.

Na realidade, enquanto se encolhem os impérios europeus, que vão aos poucos desaparecendo, na maioria das vezes com a aquiescência e o apoio do até então Governo dominante, um novo e gigantesco império vai se ampliando, à força, com o sacrifício de vidas e da liberdade de milhares de seres humanos.

O novo império soviético, abrange, então, como vimos a Europa Oriental, a China Vermelha, a Coreia do Norte e o Vietnam do Norte. Além disso, procuram os comunistas estender suas asas sobre os países neutralistas, isto é, aqueles que têm como política internacional básica

a não adesão a alianças militares com qualquer dos blocos, como é o caso da Índia e da Indonésia. Ultimamente, diante de nossos olhos estarrecidos, dominou a República de Cuba.

3 — A Ásia e a expansão comunista

Na conferência de Bandung, em 1955, ergueram-se vozes veementes contra o imperialismo soviético. Tendo persuadido 29 estados africanos e asiáticos de enviarem representantes à Conferência, o "Premier" Nehru, não obstante, falhou em suas tentativas de convencê-los a abandonar suas alianças com os países ocidentais e passar a apoiar a China Vermelha.

Muitos dos países neutralistas não se deixaram iludir pela propaganda comunista, tendo alguns deles protestado contra o imperialismo soviético. O delegado iraqueano denunciou o comunismo como uma "religião subversiva" declarando que os comunistas estavam fazendo com que "o mundo se confrontasse com uma nova forma de imperialismo, muito mais perigosa do que a antiga". O delegado do Iran condenou a Rússia Soviética e a China Vermelha como agressores, que estavam "re-inventando" o imperialismo. O delegado do Ceilão, que era o próprio chefe do Governo do país, manifestou-se contra o colonialismo soviético, afirmando que, se os estados comunistas "fôsem sinceros no seu desejo de coexistência pacífica, era de supor que eles nos procurassem convencer de sua boa fé, dissolvendo os partidos comunistas de todos os países da região afro-asiática".

4 — O Plano Comunista para a conquista da Coréia

O cinema soviético dá ao povo russo a impressão de que foi o Exército Vermelho quem ganhou a Segunda Guerra Mundial, o que está muito longe da verdade. A União Soviética não declarou guerra ao Japão quando os aliados o fizeram. Stalin só entrou em guerra com o Japão a 3 de agosto de 1945, três dias depois do lançamento em Hiroshima da primeira bomba atômica, a qual, praticamente, pôs fim à luta no Pacífico. Concordaram então os EUA e a URSS que esse último país deveria receber rendição dos exércitos japoneses ao norte do paralelo 38, na Coréia, enquanto o primeiro aceitaria a rendição ao sul desse paralelo.

Mais tarde, em dezembro do mesmo ano, os dois países concordaram em auxiliar o povo coreano no estabelecimento de um governo coreano único, para toda a Coréia, cuja legislatura conteria representações de "todos os elementos democráticos". No ano seguinte, quando foi apresentado pelos EUA, como sugestão, um plano para o estabelecimento de tal governo, com a legislatura respectiva composta por elementos de todos os partidos, a URSS rejeitou-o, alegando que democráticos eram tão-somente os partidos coreanos que haviam adotado a linha comunista. Tornou-se então, óbvio, que a URSS pretendia tornar a Coréia do Norte num estado completamente comunista. Quando a questão foi levada à ONU, a URSS desdenhou de todas as tentativas dessa organização internacional para unificar a Coréia.

Em 1948, os EUA e a URSS retiraram, ambos, suas forças da Coréia, cedendo lugar a representantes da ONU, sob cujos auspícios deve-

riam ser realizadas eleições, para a escolha do Governo do país. Na Coreia do Sul, o pleito supervisionado pela ONU, resultou na eleição de um Governo para a República da Coreia sob uma Constituição modelada na das democracias ocidentais. Na Coreia do Norte, entretanto, os comunistas não permitiram a entrada de delegados da ONU. Sob orientação exclusivamente comunista estabeleceu-se, para a Coreia do Norte, um sistema de Governo dentro dos moldes soviéticos. A Coreia do Sul, sob o Governo eleito de Syngman Rhee, foi, para resguardo da paz recusados auxílios em armamento e equipamento bélico como proteção contra possíveis agressões comunistas da Coreia do Norte, a qual no entanto, foi equipada e treinada pelos soviéticos.

5 — A Guerra da Coreia, teste do imperialismo soviético

Durante alguns anos, oficiais da URSS prepararam o exército norte-coreano para um ataque à Coreia do Sul. Faziam os soviéticos, com os norte-coreanos, o que o macaco da fábula fez com o gato, isto é, convenciam-nos a tirar do braseiro as castanhas que comeriam, enquanto os norte-coreanos é que ficavam com as mãos queimadas. É a tática que, desde então, vem sendo conhecida como "guerra por procuração".

Já em 1950 Lenine afirmava que "os Comunistas devem jogar os países uns contra os outros". Stalin preparava a oportunidade para lançar a Coreia do Norte contra a Coreia do Sul e, logo que o exército norte-coreano foi julgado em condições, o ditador soviético deu ordem de ataque. A 25 de junho de 1950, o exército norte-coreano cruzou o paralelo 38 e marchou sobre Seul, capital da República da Coreia. A guerra coreana havia começado.

6 — A força da ONU em combate aos comunistas

Vinte Países membros da organização atenderam ao apêlo do Conselho de Segurança quanto ao envio de tropas para integrarem a força. A República da China ofereceu-se para a contribuição de tropas, mas o oferecimento não foi aceito. Outros países, entre eles a Grã-Bretanha e a França contribuíram apenas simbolicamente (a França tinha na época, cerca de 250.000 homens no Vietnam, lutando contra o comunismo). Alguns países pequenos como a Pérsia, a Turquia e a Austrália, enviaram tropas em número relativamente grande. Da América do Sul seguiu um Batalhão da Colômbia. A Coreia do Sul mobilizou um exército de 250.000 homens. O peso da contribuição, entretanto, coube aos EUA, que, ao fim da guerra, em 1953, tinham na Coreia cerca de 480.000 homens, lado a lado com 270.000 coreanos do Sul e 50.000 de outros países, num total de 800.000 homens. Do outro lado havia 1.130.000 homens entre norte-coreanos e comunistas chineses, estes últimos enviados à luta por decisão do Governo da China Vermelha que, em 1950, declarou desejar contribuir com um milhão de "voluntários".

A URSS, em agosto de 1950, fez sua representação voltar à ONU, onde procurou bloquear, de todas as formas, as medidas de proteção à Coreia do Sul.

II — ODISSEIA ATRÁS DA CORTINA DE FERRO

Mary Allison, viúva de um diplomata húngaro que ante a pressão dos "libertadores" soviéticos "havia se suicidado", resolveu empreender uma viagem à Europa para procurar o túmulo de seu marido e honrar sua memória. Viajou para a Áustria, mas quando se encontrava num hotel, em Viena, foi seqüestrada pela polícia secreta soviética e levada para Budapeste, onde, após inúmeros interrogatórios que duraram nada menos que deztoito meses, foi internada num hospital, gravemente enferma.

Para que nossos leitores tomem conhecimento dos sofrimentos por que passou Mary Allison, condensamos seu livro no artigo que se segue.

I — Levada para o Ártico

Desde o dia que me disseram que estava prestes a morrer, comecei a sentir sensíveis melhoras. Havia jurado, comigo mesma, que não deixaria que meu corpo fôsse sepultado em terras russas e embora o médico me houvesse alertado que "voltaria a ver a Inglaterra, mas olhando-a de além", procurava, por todos os meios, dar um pouco de vida a meu organismo combalido.

Ajoelhada perto ao miserável leito de minha prisão, em Lwow, eu rezava constantemente implorando que as horas, os dias e os meses passassem o mais rapidamente possível.

Certo dia aproximou-se de mim um velho prisioneiro, tendo à altura do peito seu chapéu de palha e disse-me em tom respeitoso: — "Baronesa de Miske? — Este era meu nome — "sou um prisioneiro como V. S. mas há tempos passados tive a honra de trabalhar para seu marido, como jardineiro", e tirando algo de dentro do chapéu, — "Se V. S. quiser aceitar isto, é tudo o que posso oferecer-lhe, mas ficaria satisfeíssimo se V. S. o considerasse como se fôsse um ramallete de rosas" ... Dizendo isto apresentou-me um punhado de rabanetes. Mordi os lábios para evitar as lágrimas ante meu benfeitor e respondi:

"— Muito agradecida pelas formosas rosas, vou colocá-las, agora mesmo num jarro! ...

Quantas recordações vieram trazer-me aquêles rabanetes! Rememorei os dias passados, antes da guerra, na Hungria, quando podia colhêr, em meu jardim, as mais lindas rosas que já havia visto em tôda minha vida. Relembrei-me, também, de outras rosas, as que eu queria colocar sôbre o túmulo de meu marido, rosas que não consegui, sequer, colhêr,

pois fui presa pelos russos que acusaram-me de espionagem, antes mesmo que eu pudesse encontrar a sepultura de meu adorado Eugênio.

Os viveres escasseavam, estava quase a ponto de morrer de fome, mas conservei aquêles rabanetes até que os mesmos fôssem reduzidos a pó. Como poderia eu, comer um ramo de tão adoráveis rosas?

Ainda no hospital tive outra agradável surpresa.

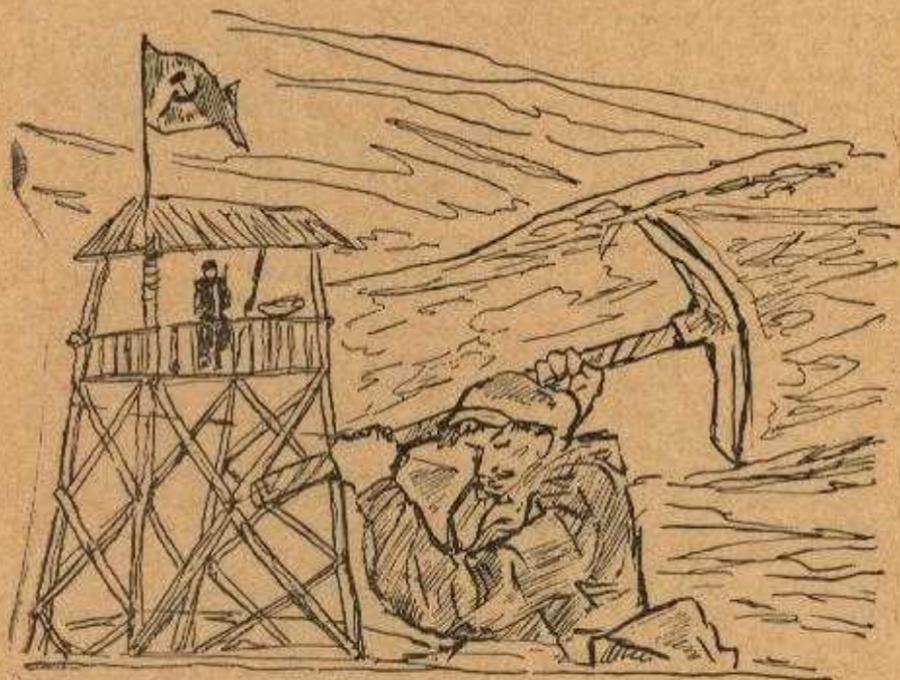
Geno, filho adotivo de meu marido, encontrava-se preso. Estivera com tifo, mas já estava em convalescença. Não sabia de que o acusavam, mas tinha certeza de que, de um momento para outro, seria enviado para o norte da Rússia a fim de "congelar" na Sibéria. Foram poucas as vezes que consegui falar com Geno, mas ele para mim representava o único elo que ainda me prendia ao passado. Após alguns dias, não consegui saber nem para onde haviam enviado meu amigo, que desapareceu completamente da minha vida.

Era obrigada, diariamente, a presenciar um quadro dantesco, que muito serviu para endurecer meu coração. Constantemente passavam junto a meu leito os cadáveres que eram levados ao crematório. Quando um doente falecia, os enfermeiros despiam o cadáver e colocavam o corpo no chão, atravessado no corredor. Amarravam, ao polegar do pé direito, uma ficha de papelão e ali ficava aquêle corpo exposto às moscas durante várias horas, até que fôsse recolhido por uma carreta e levado ao forno crematório, colocado próximo à enfermaria. Muitas vezes ficava de minha cama a contemplar aquêles corpos rígidos, a procura de algum conhecido, mas felizmente nunca encontrei.

Quando me consideraram curada, transferiram-me, ainda fraca e gripada, para outro alojamento onde as mulheres dormiam como sardinhas em lata. Cada janela era protegida por fortes barras de ferro; a porta era fechada por um grosso ferrêlho e ali vivíamos, na maior promiscuidade, servindo-nos, tôdas de uma grande lata colocada em um dos ângulos da prisão. Chamavam a êste de salão de "Convalescença" e ali passei várias semanas, esperando não sei o quê.

Certa tarde um guarda abriu a porta da prisão e pronunciou meu nome, ordenando que me vestisse rapidamente e o acompanhasse. Junto com outras desventuradas fui conduzida à estação e embarcada num vago de carga, completamente fechado onde, para respirar tínhamos que empregar tôda as forças de nossos pulmões. Viajei várias horas, sem saber para onde era levada, até que recebemos ordem de desembarcar.

Passamos cinco dias em Kiev, em um campo de trânsito. Não desejo lembrar nossa odisséia. Prefiro não recordar os episódios de violência que sofriam aquelas mulheres indefesas e o desprezo que demonstravam os russos pelos sentimentos daquelas infelizes. Mãe e filha abraçadas, chorando, após saber que no dia seguinte iriam seguir destinos diferentes; uma menina de quinze anos arrebatada, durante a noite, do leito comum, por três guardas embriagados que não davam a menor importância aos gritos e protestos das demais mulheres; é melhor esquecer tudo isto...



De Kiev nos levaram a Leningrado, onde fomos colocadas em prisões mais confortáveis, juntamente com outras mulheres, vindas de todas as regiões da URSS.

O paraíso de Leningrado durou poucos dias. Fui chamada por um guarda que me ordenou que o acompanhasse. Perguntei para onde seria levada e ele respondeu-me, sécamente:

— Ao norte!... Lá você poderá contemplar a beleza da terra coberta de neve...

Subimos para outro vagão de carga, eu e muitas mulheres vindas de outros pátios. O vagão era quente, quase sem respiradouro, mas assim foi melhor, pois nêles passamos dias e dias, semanas e semanas, enquanto o trem relava rumo ao norte...

Certa manhã, às 04,00 horas, o trem parou bruscamente. Eu e mais duas mulheres fomos empurradas brutalmente para fora do vagão por um guarda corpulento e rolamos sobre a neve, onde ficamos meio desacordadas. Quando recuperei os sentidos vi passar perto de mim o tal guarda corpulento e sem titubear dei-lhe um forte golpe com minha muleta, deixando, naquele momento, transbordar toda a fúria de que estava possuída e que fôra acumulada durante os 18 meses que passara desde minha saída do hospital. O soldado gritou de dor e avançou para mim, sendo agarrado então por um oficial que estava nas proximidades.

Eu, Natacha e Olga, reconfortadas com aquela desforra, começamos a rir até que as lágrimas chegassem a nossos olhos.

A localidade onde fomos deixadas chamava-se Virchow-Wislana. Aí permanecemos por alguns dias num campo de trânsito sendo depois levadas, juntamente com outras mulheres, para um campo de prisioneiros distante alguns quilômetros. Neste campo estavam concentrados 2.000 prisioneiros, mas somente 200 eram prisioneiros "políticos". Os demais estavam detidos por crimes comuns, como furto, assassinato, prostituição, etc. . .

O campo estava situado na república de Komi, perto do círculo polar ártico. Os habitantes de Komi são muito ligados aos esquimau e odeiam os russos. Vestem-se de peles e em pouco tempo compreendi a razão. Em nenhuma parte do mundo poderá fazer mais frio que naquela região. Deram-me um capote grosso, forrado de algodão, um pouco de roupa branca de algodão azul e verde, uma colher de madeira e uma pequena caixa de ferro.

Consegui obter uma "dieta especial" e isto significava que cada manhã tinha direito a um copo de leite de rena, ao meio dia uma sopa aquosa com folhas de couve e uma colher de "kasha", cevada e aveia fervida e à tarde uma mistura da mesma sopa do almoço com uma espécie de farinha de mandioca. Dormíamos em estrados de madeira e eu conseguia cobrir-me com uma manta que trazia comigo desde que fora presa. Uma noite roubaram-me a manta. Queixei-me ao médico de serviço e êle fez anunciar que não atenderia a ninguém se minha manta não fosse devolvida. Meia hora depois a manta aparecia milagrosamente, sem ninguém saber de onde havia vindo.

2 — Uma história terrível

As amigas chegavam e partiam continuamente. Os russos transferiam seus prisioneiros para um e outro lado sem nenhuma advertência. Uma mulher que se tornou grande amiga minha, era uma assassina mas, quase todos os dias conseguia roubar alguma coisa na cozinha e não é difícil compreender que, naquela vida de misérias, mesmo um pedaço de osso coberto com alguma carne constituia motivo de grande festa para nós, tão parcamente alimentadas. Outra mulher que se tornou minha companheira foi Maria, uma Húngara, filha de um rico fabricante de vinhos. Certa noite dez soldados russos comandados por um oficial bateram à porta do negociante pedindo as chaves da adega. Quando estavam já completamente bêbados exigiram Maria. Toda a família estava trancada em um quarto mas os russos fizeram a fechadura saltar a tiros e arrastaram Maria, que foi violentada por diversas vezes. Pai e irmão não presenciaram a cena pois jaziam mortos no corredor. Depois de sorrer todos os vexames, Maria conseguiu apossar-se da pistola de um dos soldados e descarregar a arma sobre seus algozes. Um tiro foi ter ao pescoço do oficial e outro alojou-se na cabeça de um dos soldados. Ambos morreram e Maria foi condenada a dez anos de trabalhos forçados:

— "Os russos asseveram que sou uma "terrorista"... Perguntavam-me Maria, "você acredita que eu seja uma "terrorista"?"



Outra grande amiga era "Klaxa" uma gatinha branca e preta que havia se internado no acampamento por livre e espontânea vontade. Comecei a dar-lhe um pouco de leite de rena tôdas as manhãs e ficamos, logo, muito amigas. Certo dia Klaxa teve quatro gatinhos. A alegria provocada pelo grande acontecimento serviu para amenizar, um pouco, a desolação em que vivíamos naquele horrível campo de concentração.

Reinava entre aquelas imundas barracas de madeira a mesma ânsia que dizem existir nas prisões mistas. Mulheres e homens se buscavam continuamente correndo vários riscos em troca de alguns minutos de satisfação sexual. Os banheiros de nosso campo estavam situados nas proximidades dos banheiros do campo masculino e os homens, enfrentando todos os perigos, vinham se encontrar com as mulheres que, via de regra, cooperavam voluntariamente.

As mulheres mais jovens e atraentes eram seduzidas pelos guardas que, por vêzes as tomavam como amantes dando-lhes mais algum conforto e regalias. Certa vez, um vigia resolveu trocar sua amante, de alguns meses, por outra que acabara de chegar. A mulher desprezada aguardou calmamente uma oportunidade para vingar-se. Passados alguns dias foram as duas enviadas ao campo em busca de lenha. Só voltou a amante antiga, trazendo no ombro o machado, à guisa de fuzil e na mão a cabeça da rival que jogou sobre a mesa do homem que a havia desprezado. Por tal crime a mulher teve sua pena aumentada de três anos. Evidentemente era menos perigoso ser assassina que "política".

Anualmente, nos dias 9, 10 e 11 de novembro, no campo de concentração se festejava a vitória da revolução russa. Cada prisioneira recebia duas onças de lúpulo fermentado, um pouco de açúcar e três pedaços de bôlo. Eu misturava o açúcar com o lúpulo e derramava aquêlo melado sobre os insípidos pedaços de bôlo, comendo tudo, de uma só vez. A 1 de maio, festejávamos o "Dia do Trabalhador" e recebíamos, como regalia, um prato de sementes de girassol. As festas de Natal, todavia, passavam despercebidas e sem nenhuma distribuição de rações extras.

3 — Contrôlo geral

Certo dia fui chamada ao gabinete do comandante do campo de concentração. Sai com minhas muletas, através da neve, acompanhada por Klaxa. No gabinete já se encontrava minha amiga Maria e três prisioneiros alemães. O comandante insistiu para que nos sentássemos. Ofereceu-nos cigarros e disse-nos com voz solene:

— "Tenho boas notícias para vocês! Vão todos ser repatriados"... Tal afirmativa nos causou verdadeiro pânico, mas um sorriso de dúvida parece que assomou a nossos lábios, tanto assim que o comandante acrescentou:

— "Dou-lhes minha palavra de honra e lhes aperto as mãos!"

Um por um nos levantamos para apertar a mão do comandante e saímos do gabinete, pensando, ainda, que estivéssemos sonhando.



No dia seguinte fui chamada para ir ao dentista, passar por um "contrôle geral". Uma mulher, também prisioneira, examinou-me a bôca e disse com certo espanto:

— Que interessante encontrar neste campo uma prisioneira com uma ponte de ouro como a sua'...

Naquela mesma noite, enquanto eu dormia, colocaram uma pesada manta sôbre minha cabeça ao mesmo tempo que braços atléticos me imobilizavam. Tateando por sôbre a manta a mão do assaltante penetrou na minha bôca arrancando, com tôda a brutalidade, a minha ponte de ouro.

Com a bôca sangrando fui à barraca da "dentista" mas o único auxílio que pôde prestar-me foi dar-me um pouco de água quente para lavar a bôca e dizer-me:

— "Fatos como êste são muito comuns. Trate de esquecer e recorde-se de que está prestes a voltar para casa.

O pensamento de voltar para casa consolou-me, um pouco, mas tive ainda que esperar quatro longos meses, pois só em abril de 1950 disseram, como de costume na última hora, que me vestisse e preparasse minhas coisas para viajar. Foi com o coração cheio de alegria que me dirigi ao caminhão que devia levar-me à estação. Lá, subi para um vagão de carga todo sujo de carvão. Mas tal imundice não mais me preocupava. Ia para casa!...

O trem movia-se com muita lentidão mas enquanto êle andava eu ia verificando que a paisagem mudava completamente. As árvores iam ficando cada vez mais raras, a neve aumentava consideravelmente e a

temperatura tornava-se cada vez mais baixa. Pouco a pouco um terrível pressentimento foi tomando conta de mim até que, depois de alguns dias, percebi que meu sonho havia, de todo, terminado. Meu antigo comandante havia mentido com o maior cinismo!... Estávamos sendo enviados para o norte. O trem ia a caminho do Ártico. Minha saída da Rússia tornava-se cada vez mais difícil. Somente um milagre podia salvar-me daquela região de frio e morte...

Vieram depois as séries intermináveis de campos de concentração. Por horas e horas o trem acompanhava as cercas de arame farpado, interrompidas, de quando em quando, pelas torres de observação, onde soldados armados e seus inseparáveis cães pastores, montavam guarda dia e noite.

Mesmo naquele momento desesperador ainda tive ânimo de lembrar-me da decisão que havia tomado — não permitiria que me sepultassem em terra russa.

A 2 de maio de 1950 obrigaram-me a desembarcar. O nome da estação era ABEZ e o conjunto de campos de concentração da região eram conhecidos pelo significativo nome de "Inferno Branco". Todos êles eram destinados a mulheres. Milhares e milhares de sofredoras ali viviam sob aquêlo frio implacável. Logo ao saltar senti a sensação de quem caminha para a morte, mas, mesmo debaixo daquela tensão pude recordar-me daquela data:

— "Dois de maio! que falta de sorte! Cheguei um dia atrasada para receber minha ração de sementes de girassol!"

Fui escalada para ocupar a barraca número 2. Desde que havia sido raptada havia assistido a cenas dantescas e visto coisas que revoltavam as mais santas criaturas, mas nunca havia vivido uma situação como aquela, que se me apresentavam. O chão da barraca era um verdadeiro lodaçal cheio de imundices. Ali é que devíamos dormir, procurando uma aquecer a outra, com o calor de seu próprio corpo. Incapaz de sentir qualquer sensação recostei-me junto a duas lituanas que, sem olhar para cima afastaram-se complacientemente. Aconcheguei-me entre elas e adormeci, vencida pelo cansaço.

4 — ABEZ — O Inferno Branco

Éramos três mil mulheres concentradas naquele campo e pela falta de higiene de toda ordem devíamos suportar os sofrimentos mais humilhantes.

Imediatamente após a minha chegada, as permissões para ir à "privada", que eram de quatro por dia, foram reduzidas para três, sendo duas de dia e uma durante a noite. Devíamos aprender a reduzir o consumo de água e tínhamos que esperar a hora que fôsse permitido ir ao "lavatório" (bicas situadas no meio do campo) para tomar um pouco de água ou lavar as mãos e tais permissões tinham sempre que coincidir com as três concedidas para irmos às "privadas". Para agravar mais a situação, os buracos feitos na terra e chamados eufemisticamente de "latrinas", estavam situados o mais longe possível de nossas barracas e para

chegar a eles, nas noites de inverno ártico, com a temperatura dezenas de graus abaixo de zero, já era em si, um ato de heroísmo.

Durante os cinco anos que passei naquele inferno, foram inúmeros os casos de doenças infecciosas adquiridas pelas mulheres.

As prisioneiras, em sua maioria camponesas ucranianas, eram incrivelmente ignorantes. Pensavam que no mundo só existia a Rússia e não podiam compreender como existiam pessoas que falassem outras línguas. Aquelas que não falavam russo eram chamadas de "fascistas" e cada "fascista" era um inimigo, único culpado pela situação em que vivíamos.

Só depois de algum tempo é que consegui fazer algumas amizades em ABEZ, pois, pondo de parte a ignorância da maioria, tôdas as mulheres que ali viviam tinham um ponto comum: o ódio aos guardas.

Muitas prisioneiras se tornavam hábeis bordadeiras. Desfiávamos o algodão de nossos andrajos e com o fio bordávamos sobre pedaços de remendos, usando como agulha espinhas de peixe que, de quando em quando encontrávamos na sopa. Ainda possuo um lenço feito por mim em ABEZ.

Recordo-me de um dia em que estava bordando quando a porta da nossa barraca foi aberta violentamente. Um guarda penetrou no recinto arrastando uma irmã de caridade ucraniana que mais parecia um esqueleto coberto de pele esverdeada. O médico, prisioneiro que nos assistia, pediu à irmã que se deitasse para repousar, mas a pobre senhora parecia não ouvir uma só palavra. Foi necessário pegá-la à força para retirar a roupa podre e fétida que lhe cobria o corpo. Completamente nua sentou-se sobre um banco e não houve forças humanas que a afastasse daquele local. Procurando aliviar a situação daquela pobre infeliz conseguimos segurá-la, enquanto um prisioneiro cortava-lhe os cabelos imundos. Parecerá incrível, mas quando sua cabeleira caiu ao solo, começou a mover-se, levada pela grande quantidade de piolhos que continha.

Olhei fascinada para aquêle espetáculo. Sim, somente fascinada, pois já estava o suficientemente acostumada para sentir náuseas ante um simples punhado de piolhos. A irmã de caridade continuou sentada, sempre nua, e assim permaneceu por mais dois dias, até que foi levada para a "enfermaria" onde faleceu no dia seguinte.

Agora os piolhos eram parte de minha vida. Estudando-os com mais cuidado descobri que em nosso acampamento havia três tipos: piolhos de corpo, piolhos das roupas e piolhos de cabelo. Diferem completamente um do outro e o mais interessante é que raramente um piolho abandona a região que lhe corresponde.

Para nos libertarmos dos piolhos empregávamos diversas horas por semana e em cada dez dias, um era dedicado à revisão geral e corte de cabelo. Cada uma de nós ia para cima de um caixote colocado no centro da barraca onde todos os pelos de nosso corpo eram cortados. A primeira vez que tive de suportar a operação fiquei aterrorizada, mas algum tempo depois passei a considerar o acontecimento com agrado, pois aquilo nos aliviava dos incômodos insetos.

Nossas equipagens eram constantemente submetidas a operações periódicas de verificação, em horas que menos esperávamos. Algumas ucr-

nianas que ainda conservavam livros religiosos passavam por grandes sustos naquelas ocasiões e ficavam desesperadas quando os guardas descobriam seus livros e os reduziam a pedaços. Recordo-me que em certa ocasião, um sargento mais odiado que os outros, resolveu indagar-me o que eu escondia dentro de minha muleta. Respondi-lhe que ali guardava a bomba atômica e tôdas as mulheres se puseram a rir. O sargento, furioso partiu minha muleta em vários pedaços. Fui, cocheando, queixar-me ao comandante que mandou imediatamente consertar minha muleta, mas o sargento, desde aquêlê dia, não me deixou mais em paz.

Três meses depois da minha chegada a ABEZ travei amizade com Alice. Era uma jovem americana, filha de um comunista e que havia sido levada para Moscou por seu pai, quando tinha apenas 16 anos. Enamorou-se de um jornalista americano e por êsse crime foi enviada para ABEZ, condenada a 15 anos de trabalhos forçados.

Uma noite estávamos conversando e Alice contava que tinha uma companheira de escola que constantemente a beliscava e que chamava-se Mary. Daí haver criado ódio ao nome. Dei uma gargalhada e disse a Alice que me chamasse pelo nome que desejasse e ela passou a chamar-me por May. Cinco anos mais tarde o nome de May iria contribuir para libertar-me, daquela situação horrível em que me encontrava.

Passaram-se muitos meses antes que eu descobrisse que não era a única Inglêsa em ABEZ. Havia outra e sua história havia começado vinte anos antes, numa rua da Inglaterra. Beril passeava calmamente quando um repentino temporal fêz com que buscasse abrigo em uma casa, onde estava sendo realizada uma reunião pública. Um homem pronunciava uma conferência sôbre a gloriosa União Soviética. Beril começou a interessar-se pelo assunto e terminada a conferência apresentou-se ao orador declarando que ali havia entrado por casualidade. Saíram juntos. Beril enamorou-se de seu companheiro e passou a marcar encontros com êle. Passados alguns meses casaram-se.

Seguiram para Leningrado em lua de mel, mas ao chegar em território russo Beril descobriu que seu marido era casado e tinha duas filhas.

Tentou voltar para a Inglaterra, mas, sem dinheiro, resolveu lecionar inglês em uma escola, mas, algumas semanas depois foi aprisionada pela MVD e acusada de haver feito comentários desairosos a vultos históricos da Rússia. Recordava-se, como confirmou perante o delegado, de haver dito em aula que a locomotiva havia sido inventada pelo inglês Robert Stephenson. Este era seu crime e por êle havia sido condenada a dez anos de trabalhos forçados em ABEZ. Sendo uma comunista convencida continuava na prisão a pregar a doutrina, pois julgava que o único regime que se podia aceitar no mundo atual, era aquêlê. Recusava falar comigo em inglês e continuava em suas pregações, falando sempre em russo. Embora condenada a dez anos já se encontrava a vinte naquele destêrro.

Três anos já eram passados e eu permanecia em ABEZ, acostumada àquela vida atroz no — Inferno Branco — de onde era impossível sair, pois quem se arriscasse a fugir morreria gelada no campo, ao fim de

algumas horas. Assim continuei a viver como um animal que se nega a morrer. Não podia esquecer de minha promessa — não dar satisfação a meus inimigos de me sepultarem em terra russa.

Recordo-me que durante aquêles anos um dos fatos que mais me impressionou foi o relativo às monjas católicas que haviam sido levadas para ABEZ. Jamais poderei esquecer a abnegação e a coragem daquelas 180 mulheres, que desafiavam os russos, não cumpriam suas ordens e só faziam o que a superiora determinava. Quando seus hábitos, cheios de piolhos, foram despidos para a desinfecção, as monjas se negaram a vesti-los novamente e se reuniram completamente nuas sôbre a neve. Só depois de muito custo e de se haver prometido que suas vestimentas não seriam mais retiradas é que elas resolveram voltar à barraca. De outra vez resolveram quebrar o alto-falante que desde a madrugada, até altas horas da noite, pregava a doutrina comunista. O comandante mandou colocar o aparelho mais alto, de modo que elas não o alcançassem e as monjas voltaram a sentar-se na neve, em sinal de revolta, cantando hinos sacros. Dois dias depois o alto-falante deixou de funcionar e daí por diante só era utilizado para transmitir ordens.

Uma noite, em março de 1953, o alto-falante funcionou outra vez anunciando propaganda comunista. Fomos deitar e o doutrinamento continuava, ainda. Tínhamos a impressão que alguma coisa estava para acontecer ou tinha acontecido. No dia seguinte, às quatro horas da manhã o rádio já estava em funcionamento. Transmittia músicas e discursos, mas, de repente, interrompeu a transmissão e passou a produzir um som contínuo e monótono. O aparelho foi desligado, mas no campo todos pareciam estar sob forte tensão nervosa. À meia-noite eu ainda estava desperta e voltei a ouvir o ruído através do rádio. O barulho continuou pela noite como se fôsse um cântico fúnebre ou um lamento de muitas vozes. Só no outro dia é que fomos saber que Stalin havia morrido.

Depois da morte de Stalin, as mulheres receberam permissão para desprender o número de matrícula que estava cozido na roupa. Foi com a mais viva emoção que retirei, com tôda a paciência o "G1.150" de todos os farrapos que possuía. De agora em diante passaria a ser chamada outra vez, por meu próprio nome, ou melhor meu novo nome, "Senhorita May".

Passamos a ter permissão de escrever uma carta por mês, em lugar de uma por ano e fomos autorizadas a receber embrulhos que viessem da Alemanha ou da Áustria. Tôdas as latas que chegavam até nós, vindas daqueles países tinham escritas, em inglês, "ao povo russo, valoroso aliado".

Eram aprovisionamentos que haviam sido enviados para a Rússia durante a guerra, mas o governo russo nunca os tinha distribuído entre seus soldados. Havia vendido aquelas latas na Áustria e em outros lugares, a preços fabulosos.

Nossa felicidade durou pouco. Alguns dias após a morte de Stalin o campo voltou à sua atividade normal, os alto-falantes entraram de novo em funcionamento e a propaganda tornou-se mais intensa.

Parecia que não havia possibilidade de uma pessoa livrar-se daquele inferno. Não era, pois, de se estranhar que, por vezes, algumas de nossas companheiras pensassem em terminar, de uma vez, com aquêlê sofrimento. No inverno, a neve subia a mais de dois metros de altura e a temperatura descia abaixo de 40 graus centígrados. Terminar com o suplício era muito simples. Bastava afastar-se um pouco das barracas e deitar sôbre a neve. Quinze minutos depois estaria desmaiada e meia hora mais tarde dormiria para sempre. Muitas mulheres do campo de concentração elegeram êste processo silencioso de evasão da miséria e da degradação moral em que viviam. Se nevava, no momento em que elas se deitavam na terra, seus corpos prontamente eram sepultados sob a mortalha branca e não era encontrado senão na primavera seguinte. Quando a neve começava a derreter era comum encontrarem-se diversos cadáveres, e nós, por diversas vezes, presenciámos a cena com emoção pois os corpos de nossas companheiras desaparecidas apresentavam-se intactos, depois de tantos meses de sepultura.

Outras prisioneiras seguiam métodos diferentes de "evasão". Quando as luzes se apagavam, no interior das barracas, algumas cortavam os pulsos com um pedaço de vidro e pela manhã eram encontradas mortas, sob os farrapos cheios de manchas escuras de sangue.

5 — As "Afortunadas"

ABEZ era uma região tão selvagem e tão afastada da civilização que, para seus campos de concentração só iam guardas e oficiais cujo comportamento, em outros lugares, não estava bem de acôrdo com os regulamentos. Assim, parecia a nós que todos ali éramos castigados — nós e nossos guardiões. Talvez êste estado de coisas servisse para explicar porque, via de regra, os guardas não eram tão brutos e por vezes mostravam-se tolerantes e até gentis, para com as prisioneiras.

O regulamento do campo proibia que os guardas ou oficiais se juntassem com as prisioneiras, mas muitos dêles tomavam as mais jovens como amantes ou passavam algumas horas com as mais simpáticas, pois, naquela situação não era difícil encontrar mulheres que se vendessem por um tablete de chocolate ou uma roupa branca. Por outro lado, o romance servia para quebrar um pouco a nostalgia daquela vida, levando alguma excitação à vida daquelas infelizes. Não havia perigo de engravidar, já que a maioria das mulheres de ABEZ se tornavam estéreis, após algumas semanas de permanência naquele inferno. Caso ficassem grávidas, seria motivo de grande júbilo, pois durante o período de gestação eram afastadas do campo e levadas para um hospital, onde recebiam alimentação farta e tôda a assistência necessária. Os filhos, logo que nascem são separados das mães, para serem educados como bons cidadãos soviéticos, mas a maioria das mulheres de ABEZ trocariam a dor de perder seu próprio filho pelas vantagens que podiam encontrar em nove meses de repouso absoluto, longe daquela vida miserável. Estas eram consideradas "as afortunadas", mães que viviam sem seu filhos, mas mulheres que trocavam, por esta desgraça, alguns meses de vida melhor.

A maior parte dos homens e das mulheres que se destinavam aos campos do Ártico, jamais podiam regressar daquela região, mesmo depois de haverem cumprido a pena que lhes havia sido imposta; eram obrigados a viver nas proximidades do campo, pois não lhes forneciam passagem de regresso. Ali viviam mais homens que mulheres e cada vez que uma prisioneira saía de ABEZ a notícia de sua liberdade era difundida antes que "a afortunada" sáísse da prisão. Quando ultrapassava a cêrca do campo a mulher encontrava vários homens à sua espera. Eram ex-detidos, obrigados a viver na região e que sentiam necessidade de ter uma espôsa, não só por impulso natural, como também para ter alguém que cuidasse da cozinha.

Para as mulheres era ainda mais difícil viver sôzinhas e assim, o homem que mais vantagens oferecia — e sabe Deus o pouco que êles tinham para repartir — conquistava a companheira.

6 — A partida

Assim iam se passando as horas, os dias, as semanas, os meses e os anos e eu continuava ignorando que a história da "Senhorita May", como me haviam batizado, havia chegado até à embaixada britânica em Moscou. Agora é que compreendo a felicidade de haver recebido aquêlê nome, que tão bem se adaptou à minha pessoa. As prisioneiras de ABEZ se divertiam em repeti-lo, talvez porque o vocábulo "Miss" tivesse um som irônico; para mim foi uma felicidade que tal acontecesse e "Miss" foi tantas vêzes repetido em ABEZ que o embaixador inglês se interessou por meu caso.

Soube, realmente, após minha libertação, que nosso embaixador, ao saber que existia em ABEZ uma "Miss May" quis saber de quem se tratava e disse a um diplomata soviético:

— "Desejamos que esta mulher seja libertada e lhe pedimos que trate do caso com urgência".

Imaginem meu espanto quando, nas primeiras horas do dia 4 de novembro de 1955, fui despertada por um guarda dizendo que eu devia apresentar-me no gabinete do comandante. Ali, um oficial recebeu-me com certo sorriso indagando se eu era a "Senhorita May". Ante minha resposta afirmativa, deu-me a notícia que, naquela mesma noite eu deveria embarcar rumo à Inglaterra. Durante cinco anos esperei por aquelas palavras e agora, que as ouvia, não podia acreditar no que diziam. Sem reparar no que dizia respondi ao oficial:

— "Esta noite é de todo impossível embarcar. Giselia, minha amiga, acaba de receber uma lata de leite condensado e dá hoje uma festa de aniversário. Prometi comparecer à festa e assim não posso partir para a Inglaterra como é de seu desejo"...

Enquanto falava assim dei conta do absurdo de minhas palavras e a voz embargou-me a garganta.

Deixei o gabinete do comandante, completamente tonta.

Não seria outro engano cruel? Como da outra vez, prometeram repatriar-me e vim acabar em ABEZ? Não, não podia ser verdade!

Naturalmente estavam me enviando para aquele estabelecimento quí-mico de Ciemierev, nos Urais, onde, se dizia, que os prisioneiros permaneciam até à morte. Por horas e horas fiquei sentada em minha barraca, pensando.

Mais tarde fui chamada, outra vez, na comandância, onde recebi um par de meias de algodão e nova muda de roupa. Minhas esperanças aumentaram. Alguns dias depois o próprio comandante mandou chamar-me. Fêz um breve discurso enquanto preparava um cigarro que me ofereceu, ainda úmido de saliva e ficou espantado quando recusei o presente. Asseverou-me que seria levada a Moscou e depois à Hungria. Poucas horas depois, ao cair da tarde, saí do campo de prisioneiras de ABEZ. Envôlta em um capote novo, gritei para minhas companheiras o meu último adeus.

Continuei gritando, enquanto embarcava em um trenó que devia me conduzir à estação. Mas três horas depois estava, novamente, de volta ao campo de ABEZ, pois o trem em que eu devia viajar chegara cheio de homens destinados ao campo de Vorkuta. Assim, devia eu esperar nova condução. Outros trens foram se sucedendo, sempre cheios e os três dias que passei esperando e vindo constantemente à estação, pareciam, para mim, dias intermináveis, mais difíceis de suportar do que os cinco anos que eu havia vivido naquele campo de concentração. Na quarta noite, por fim, encontrei um lugar e durante cinco dias o trem arrastou-se lentamente através da região mais estéril do mundo. A princípio cantávamos, os outros prisioneiros e eu, mas depois fomos invadidos por um profundo cansaço e a viagem se tornou uma verdadeira odisséia. Ao sexto dia, nosso vagão, destinado ao transporte de gado, foi separado do resto da composição e ficamos esperando em um desvio. É que estávamos perto da estação de destino e alguém falou o nome mágico de — Moscou.

Ao desembarcarmos fomos levados para uma prisão de nome "Krasni Pless", mas na manhã seguinte, subimos a outro trem viajando durante dois dias, mais para o sul até chegarmos a uma localidade de nome Potjma. Ali existia um pequeno campo de concentração, a meio caminho da liberdade. Comparando-o com ABEZ, aquilo parecia um hotel de primeira ordem. Fui recebida por um húngaro que me conduziu a uma sala onde havia água quente, sabão e toalha. Lavei-me e tornei a lavar-me, ensaboando-me dos pés a cabeça e era uma grande delícia ver-me tôda coberta de espuma e deixando a água quente correr por todo meu corpo. Depois fui conduzida ao refeitório onde me aguardava uma mesa pronta para a refeição, com garfo e faca ao lado dos pratos que eu, sim, eu mesma, podia utilizar. Apanhei-os com as mãos trêmulas, sem saber se ainda era capaz de usá-los. Estava, de novo, aprendendo a viver. Meus companheiros de mesa sorriram ante minha excitação, mas fui aos poucos adquirindo confiança em mim mesma.

O Cozinheiro do campo era um especialista em massas. Em pouco tempo recuperei as forças e comecei a engordar. Durante os três meses que passei em Potjma, melhorei bastante o físico e tornei-me mais branda no tratar, pois os russos daquele campo quase que não interferiam

em nossa vida. Um dia, com a costumeira rapidez, ordenaram que eu arremesse minhas malas pois devia partir imediatamente. Um jovem tenente avisou-me que havia recebido ordens de conduzir-me a Moscou. Quando chegamos à capital deu-me ordem de ficar esperando na estação. Perguntei-lhe se podia dar umas voltas pelas proximidades. Consentiu, contanto que regressasse dentro de meia hora. Estranhei tal consentimento e perguntei-lhe se não tinha medo que eu fugisse. Respondeu-me:

— "De nada adiantaria sua fuga, pois a senhorita não possui documento e sem eles, em Moscou, uma pessoa não consegue ir muito longe".

7 — A viagem de retorno

Alguns amigos em Potjma haviam me dado algum dinheiro. Fui ao bar da estação e pedi um bôlo. Paguei e recebi o trôco sem ninguém espantar-se da operação que eu estava efetuando. Para mim, todavia, aquê-le momento foi de grande emoção pois, desde há muito não lidava com dinheiro nem comprava nada no comércio. Passada a meia hora voltei ao lugar marcado pelo tenente e fui embarcada em outro trem que nos conduziu a uma grande prisão. Fiquei sobressaltada. Será que havia sido enganada mais uma vez?

Soube, mais tarde, tratar-se da prisão de Lubianka, a maior prisão do mundo e também, segundo afirmam, a mais moderna. Fui obrigada a despir-me completamente na presença das autoridades e tôdas as peças de meu vestuário foram examinadas em todos os seus detalhes. Depois fizeram-me deitar sôbre uma mesa e uma doutora realizou a mais humilhante busca que eu já havia sofrido em tôda a minha vida.

O pavilhão de Lubianka, onde fui alojada, na realidade, não tinha aparência nenhuma com prisão. Tudo era incrivelmente limpo. Em minha sela cômoda eu morava sôzinha. Podia comer quanto quisesse e na hora que desejasse, pois a mesa estava sempre pronta a receber-me.

A alimentação era excelente, particularmente o peixe frito. Todavia a vigilância era constante. Quando desejava qualquer coisa bastava que me aproximasse da porta para logo aparecer um guarda. Recebi vários livros de literatura e consegui permissão de ir ao terraço da prisão apanhar um pouco de sol e admirar o panorama de Moscou. Quatro dias após estar em Lubianka, fui apresentada ao General comandante da prisão. Era um velho oficial, muito cortês. Depois de conversar comigo durante algum tempo, levou-me em seu próprio automóvel, para Bikova, centro muito parecido com Potjma. Ali fiquei "hospedada" por mais uma semana. O general voltou a procurar-me e deu-me dinheiro para comprar vestidos e outras peças de roupa que necessitasse. Levou-me pelas ruas de Moscou, mostrando-me seus lindos edifícios. O tratamento que me dispensavam era tão cativante que um dia perguntei ao general:

— "Como posso comparar tôdas estas gentilezas com os horrores que passei nas barracas de ABEZ?"

— "Tôdas as pessoas de bem podem gozar das delícias de Moscou, respondeu-me. Para ABEZ só são levados os inimigos do povo".

— "Mas, general, como descobriram que eu sou inimiga do povo?"

— “Espero que a senhorita não volte mais a falar sobre ABEZ, contestou-me, em tom solene. Mesmo quando já esteja fora da Rússia, tenha todo cuidado. Devo recordar-lhe, por outro lado, que o braço do Exército Vermelho é muito longo e alcança longe”...

No dia seguinte veio à estação para despedir-se de mim. Durante cinco dias viajei, junto com outros prisioneiros, sob a guarda de um único oficial, até a fronteira húngara. Finalmente chegamos a Csop onde fomos levados para um trem húngaro.

Em Budapeste grande multidão nos esperava. Todos estavam ansiosos por notícias de seus parentes, presos nos campos de concentração da Rússia. Recordo-me que alguns húngaros, ao saltarem do trem, abaixaram-se e beijaram a terra, chorando, em sinal de gratidão.

O resto da viagem correu rapidamente. De fato a legação britânica, em Budapeste, havia se preocupado comigo e mandou conduzir-me para Londres, por via aérea.

E agora aqui estou. Vivendo tranquilamente, esperando encontrar alguns pequenos prazeres nos anos de vida que me restam, a fim de recobrar o tempo que passei apodrecendo nos campos de concentração da URSS. Conteí esta história por acreditar que todos devem saber com quanta facilidade uma mulher inocente pode ser aprisionada pelos russos e atirada nas mais aviltantes situações, tudo, por causa desta ideologia pagã, que se chama Comunismo.

Não tenho medo em afirmar e repetir tudo o que acabei de relatar. O braço do Exército Vermelho pode ser muito longo, como dizia o simpático general, mas o braço da Justiça e da Verdade é muito mais longo...

MARY ALLISON

CONCLUINDO

Em tôda esta série de artigos procuramos mostrar, comprovadamente, citando fatos indiscutíveis e testemunhas pessoais de homens e mulheres que viveram na URSS, ou a visitaram, ou conhecem de alguma forma as idéias professadas atrás da cortina de ferro e dos demais países sob contróle do comunismo, que os comunistas se identificam no seu objetivo de conseguir que o mundo inteiro caia sob seu contróle. Vimos também que, para consegui-lo, nada os deterá. Seu método é lançar irmãos contra irmãos, vizinhos contra vizinhos, classes contra classes, nações contra nações, a fim de incutir a dissensão e a desafeição entre todos os povos. Procurando criar problemas dentro de um país, os comunistas enfraquecem os governos, ao mesmo tempo que desviam as atenções do verdadeiro inimigo — o comunismo. Onde êsses métodos falham, apelam aos movimentos armados.

As forças, anticomunistas estão em desvantagem porque, muitas vezes, não se apercebem dos perigos que as ameaçam ou porque não chegam a uma conclusão sobre qual a melhor maneira de se opor as essas ameaças, ou ainda, por ingenuidade ou comodismo.

Em nosso país sabemos que existe gente que se enquadra em todos os tipos acima. Há os que julgam o comunismo como um socialismo avançado, que realmente é, e que, portanto, feitos os ajustes naturais e compatíveis com o nosso meio ambiente, não trará perigos ao Brasil. A esses, apresentamos os fatos desta série de artigos; o comunismo não admite adaptações exceto as que sirvam a seus objetivos; seus métodos, também, têm sido invariáveis, impondo, pela força e pelo terror o que, de outra forma, não conseguiriam. Se houver dúvidas, o ano de 1935 não está tão afastado assim, apenas 25 anos, e existem ainda centenas, milhares de brasileiros que testemunharam os assassinatos à traição de um punhado de brasileiros, cujo crime era estarem cumprindo seu dever.

Aos que não chegaram a uma conclusão quanto à melhor forma de combater o comunismo lembramos que a educação e o trabalho honesto, o aproveitamento dos valores morais e profissionais, a justa remuneração aos assalariados e sobretudo o apêlo ao espírito de nossa raça, cuja formação tem profundas raízes cristãs constituem as verdadeiras armas para o combate ao materialismo que é a síntese do comunismo.

Aos comodistas sugerimos a consulta a um "mapa-mundi". O argumento de que a URSS e a China Vermelha estão muito longe do nosso país, peca pela base. Neste século em que o encurtamento das distâncias é a principal característica, não há regiões difíceis de serem atingidas em curto prazo. Além disso, como a idéia básica do comunismo — a revolução mundial — é invariável, sua progressão, se não for obstada, continuará inexoravelmente, como o provam os avanços na Europa e na Ásia, as sombras lançadas sobre a África e, já agora, o trampolim na América Latina — Cuba.

Aos ingênuos e aos indiferentes pouco há a ser dito. Esperamos apenas, que não acordem um dia surpreendidos com a ordem de acompanharem algum agente especial até aquilo que poderá ser o seu túmulo em vida — uma masmorra ou um campo de concentração.

AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

Coronel

Tradução de um trecho do livro russo "Aquilo foi assim", do coronel russo S. N. Sevringof (página 42 da edição de 1947, de Moscou):

"O 2º tenente Kuranof era daqueles metralhadores fanáticos, dos quais se diz que podem "subscrever" a Maxim, isto é, disparar meia centena de projéteis, fazendo pontaria sobre sua própria família."

III — EDUCAÇÃO PELA TELEVISÃO

MAJ TAUNAY DRUMMOND COELHO REIS

Face os resultados favoráveis que vêm sendo obtidos, com o ensino pela televisão, em diversos países, tais como Inglaterra, França, Alemanha, Estados- Unidos e outros, procuramos encarar a possibilidade de aproveitar, também no Brasil, êsse moderno processo de difusão da cultura. Mais do que aos citados países, nos faltam meios em pessoal e material para atender grande parte da população que necessita aprender.

Nos Estados- Unidos, com 8 anos de experiência, mais de 200 canais reservados e 45 estações atuando exclusivamente no setor da educação, foram estudados e selecionados pela "U. S. Information Agency" para o "U. S. Information Service" os motivos cada um dos quais justifique, por si só, o emprêgo da televisão como meio de ensino. Transcrevemos a seguir, traduzidos, os motivos acima mencionados:

1. O número de estudantes que deseja ensino, é superior àquele que os atuais prédios escolares podem comportar.

2. O número de professores ou professoras qualificados e experientes é insuficiente.

3. A verba para mais escolas ou mais mestres é insuficiente.

4. O problema de ensino é tão urgente que a televisão precisa ser empregada a fim de que poucos professores capazes, disponíveis, possam atender o grande número de estudantes.

5. Há vontade de aproveitar melhor os mestres disponíveis fazendo com que o melhor dêles dê aula pela televisão auxiliado por outros professores atuando como conselheiros assistentes ou monitores. Nesse caso cada professor trabalhará aproveitando suas melhores aptidões.

6. A carga de trabalho dos mestres é tão pesada que eles não dispõem de tempo suficiente para preparar devidamente tôdas as aulas. Se um professor puder dispor de um ou dois dias integrais para preparar uma aula para a televisão, que atenderá um número muito maior de estudantes e êstes por sua vez tiverem oportunidade de tirar dúvidas com os respectivos professores será melhor do que vários professores não preparados ministrarem a referida aula a suas próprias turmas.

7. Há necessidade de proporcionar cursos de aperfeiçoamento, sôbre evolução ou novidade no currículo, a professores presentemente empenhados nas atividades do magistério e a urgência da referida necessidade aponta um curso de aperfeiçoamento pela televisão como a melhor, se não única, maneira de manter os professores atualizados".

Como em nosso país se apresentam simultaneamente tôdas as 7 razões que isoladamente aconselhariam a utilização desse novo processo em benefício da educação, não vemos escusa para retardar mais o aproveitamento dos novos meios, uma vez que o número de aparelhos receptores no Brasil (aproximadamente 1 milhão) vem aumentando rapidamente.

Por tudo que foi exposto devemos:

— fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para que se crie no país, o mais cedo possível, um sistema eficaz de ensino pela televisão;

— e atuar de modo que êsse sistema se expanda e se aperfeiçoe, em todos os sentidos, até o limite de suas possibilidades de ajudar ao cidadão e à Pátria.

IV — A MISSÃO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE MEDICINA MILITAR

Maj Méd Dr. NILSON NOGUEIRA DA SILVA

Ao transpor o umbral da Academia Brasileira de Medicina Militar, trazido pelo bafejo de vossa generosidade, ilustres acadêmicos, e ainda meio atônito pelo inusitado do acontecimento e pelas palavras de meu amigo e recipiendário Cel Nelson Sampaio Mitke, que, traído pelo sentimento, exagerou-me nos louvores, vejo-me na obrigação de declarar que acredito estar reservada à nossa Academia tarefa de alta significação: não só do ponto de vista militar, senão que do civil. É que a essa — sociedade sábia compete decidir sobre o aperfeiçoamento e o progresso da Medicina Militar; ratificá-los e retificá-los quando se fizer mister, como, aliás, já tem feito ao realizar os Congressos de Medicina Militar, onde êsses assuntos têm sido postos em foco, trazendo a público o que se faz nas suas organizações de saúde.

A Academia, pelo valor e responsabilidade de seus membros, está apta e autorizada a incentivar os trabalhos científicos dos médicos militares e, ao mesmo tempo, julgá-los e vulgarizá-los.

Como centro de atividade científica e cultural, poderá acompanhar o progresso espantoso da Ciência no que toca às bélicas, bem como a sua repercussão no Serviço de Saúde das Forças Armadas.

A Ciência Moderna, como se sabe, em poucos anos, passou da Era Atômica para a Era Sideral e quem sabe se já não atingimos a Era do Universo Antimatéria cujo descobridor foi há pouco galardoado com o prêmio Nobel?

É evidente que êsses progressos científicos trarão incalculáveis modificações na arte da guerra, pela necessária adaptação aos novos processos e a Medicina Militar terá de fazer frente às novas eras prevenindo, planejando, estudando novos métodos e fazendo intercâmbio com os mais avançados centros desse conhecimento. Não poderemos contar com ninguém, senão com nós próprios e debalde esperaremos por outro Vegécio que nos dê alguma "De re militari"...

Necessário será também convir que os fatos desconcertantes de que falamos não são peculiares à nossa época: houve deles em priscas eras e uma vez Ben Akiba tinha razão quando disse: "— Nada havia de

novo debaixo do Sol". Assim é que os abatizes de Milcíades surpreenderam os persas nas planícies de Maratona; a falange macedônica fez o mesmo; os elefantes de Pirro espantaram os romanos; as legiões romanas levaram de roldão os povos bárbaros; a cavalaria árabe surpreendeu os europeus; os gases asfixiantes apavoraram os Aliados na guerra de 14 a 18; as divisões blindadas, as bombas voadoras e a bomba atômica foram a surpresa da Guerra Universal.

A Medicina Militar, por intermédio de sua Academia e de seus dirigentes, terá de fazer face a essas transformações rápidas do mundo moderno, adestrando os seus componentes tanto na paz como na guerra. As adaptações não se podem fazer rapidamente; por outro lado uma adaptação perfeita não quer dizer que o adaptado tenha evoluído. Pode, até, ter regredido. Bem o sabemos — aí de nós! Os que lidamos com a Biologia.

Toça, pois, à Academia de Medicina Militar uma dupla e espinhosa missão qual seja a de sugerir aos dirigentes e escalões superiores manterem atualizados as organizações de Saúde e, ao mesmo tempo, procurar prever as adaptações necessárias à Guerra Futura.

Perdoai-me que num ambiente académico vos fale em guerra futura, catástrofe que já devia estar riscada dos anais de nossa civilização ou de uma Civilização digna dêsse nome, mas é que, até hoje, não criou o homem — êsse problemático "Homo sapiens" de Linneu — uma civilização que atendesse às suas verdadeiras necessidades. O "sapiens" de Linneu nos parece um mito. Na verdade, foi substituído pelo "Homo faber" ou pelo "Homo economicus" na nossa era. Embora saiba que a Guerra seja um retrocesso e que o faz adotar hábitos arcaicos semelhantes aos dos insetos, não vacila desencadeá-la quando dela espera tirar proveito e, perante isso, não há doutrina nem sistema que o coíba. Conseqüência trágica de uma lei biológica hipertrofiada e imperativa — a conservação da espécie — ou de uma inadequada evolução cerebral, o fato é que a guerra, no estado atual da Civilização, tem de sempre ser levada em conta.

Apesar de vários escritores do pós-guerra de 14 a 18 terem escrito que as guerras estavam abolidas pelo seu horror e que os imperialismos haviam caducado pelo grau de cultura e evolução já atingidas e que o Mundo não comportava outras sangueiras, vimos, estarrecidos, países que se orgulhavam de suas civilizações técnico-científicas e cultural aplicarem meios e processos que os faziam retrogradar à idade da rena. E, no entanto, todos sabem que a guerra nada mais faz do que dar a primazia de uma ou mais nações sobre as outras. Mas os problemas fundamentais que interessam a todos continuam os mesmos. Não seremos pessimistas ao afirmar que a situação atual do Mundo, do ponto de vista político, é, em muito, semelhante à de antes de 1939, que antecedeu à Guerra Universal. Uns querendo predominar sobre os outros e numa corrida vesânica para a obtenção de matérias-primas e mercados.

Se a guerra se nos apresenta, atualmente, como fatalidade inelutável, nada mais lógico nem sensato que nos adestrar para esse evento, ainda que, intimamente, o repugnemos.

A experiência nos mostra dolorosamente que os bens da cultura, da tradição e dos sentimentos de um povo podem ser postos por terra e substituídos por símbolos pagãos ou então por doutrinas e ideologias que ferem frontalmente a dignidade humana e que tornam a Vida indigna de ser vivida.

Segundo André Maurois, bastava 2.000 carros de combate e cinco mil aviões para impedir o risco por que passaram a tradição e a cultura francesas em maio de 1940. Observai o preço material exiguo — e que a França poderia obter com facilidade — que seria necessário para impedir o risco que correu a cultura que produziu um Voltaire, Carrel, Nöly e outros.

E, pois, preciso estar sempre preparado para essa tragédia e o papel da Medicina Militar estará desempenhado se atentar às modificações impressas ao Corpo de Saúde pelas novas técnicas, de modo que o País a que pertençam não ser apanhado desprevenido. Tal é, a nosso ver, a sua missão fundamental e patriótica.

É evidente que a tarefa não é fácil, mas os militares são lutadores por tradição e etimologia: "miles, militis": o soldado, o lutador. E alguns dentre eles poderão atingir o ideal expresso nos Lusíadas (Canto V-Est. 96 e seguintes):

... "E as armas não lhe impedem a ciência;

Mas, n'ua mão a pena e noutra a lança;

Igualava de Cícero e eloquência..."

... "Enfim, não houve forte capitão;

Que não fôsse também douto e ciente,

Da lácia, grega ou bárbara nação..."

O ideal da Academia Brasileira de Medicina Militar seria ter nua mão a pena e noutra a lança. A pena representando a cultura moral e intelectual e a lança representando os aspectos estritamente militares do Corpo de Saúde das Forças Armadas.

O nosso Mundo passa por transformações surpreendentes a que mal nos damos conta; os sistemas e doutrinas (que encerram apenas minúsculas partes da Realidade, talvez para sempre inacessível à Inteligência) são postos novamente em discussão. No domínio do espiritual, há uma inclinação decisiva para a inteligência, verbi-gratia no mundo ocidental a que pertencemos. Alguns crêem que só alcançaremos a realidade pela inteligência, mas aqui trata-se de uma forma de crença, não de uma realidade científica. Mas a ciência não foi capaz de pôr uma ordem duradoura no mundo e de evitar a guerra.

Se as qualidades não lógicas do espirito serão capazes de conseguir a paz, pouco se nos dá conta, de vez que não sabemos como desenvolvê-las e qual o caminho eficaz para se desenvolver personalidades harmoniosas.

Todos estão acordes de que a guerra é um crime estúpido, mas, atualmente, não temos ainda meio seguro de evitá-la.

Assim sendo, é crime de lesa-pátria descurarmo-nos dessa eventualidade.

... Quero agradecer aqui às palavras calorosas do recipiendário, um dos elementos de escol do Corpo de Saúde do Exército, a quem dignificou pelo seu caráter e inteireza de conduta, e a todos os que aqui compareceram, honrando-nos com a presença.

A Academia nada posso oferecer em troca do "ônus" que lhe pesa pela minha aquisição, senão uma memória do drama da granja de Get-sêmani: "Para cumprir êsses ideais, declaro-vos que a carne é fraca, mas o espirito está pronto".

